

Tarefa 08 – Professor Fernando Marinho
Gabarito:

01. [Resposta do ponto de vista da disciplina de História]

- b) Embora em 1572 o império português estivesse vivenciando seu auge, tornando-se verdadeiramente global, com uma rede de entrepostos que ligava Lisboa a Nagasaki, trazendo enormes riquezas para Portugal, o poeta, nesta estrofe, evidencia o paradoxo entre essa riqueza e a maneira como ela era obtida, através, especialmente, de “cobiça” e “rudeza”.

[Resposta do ponto de vista da disciplina de Português]

- a) Na estrofe que faz parte do epílogo da epopeia “Os Lusíadas”, o poeta dirige-se às musas, declarando-se incapaz de continuar a fazer poesia devido ao ambiente de cobiça e insensibilidade social que o rodeia. A menção a figuras da mitologia é típica da poesia épica que narra os feitos heroicos de um povo de forma grandiloquente e usa a intervenção de seres sobrenaturais para engrandecimento da ação. Também os versos decassílabos dispostos em esquema rimático ABABABABCC refletem o rigor formal característico do Classicismo. No entanto, o tom decepcionado do poeta que, nesta estrofe, tece duras críticas ao aviltamento moral em que o país tinha mergulhado não é comum nas epopeias clássicas que se restringem a enaltecer virtudes e qualidades do herói coletivo.
- b) No final do século XVI, Portugal atingiu o ponto mais alto da sua economia mercantilista decorrente da expansão marítima por todos os continentes. No entanto, uma crise dinástica que tem início no reinado de D. Sebastião e que se intensifica após sua morte na batalha de Alcácer-Quibir, provocará o início do declínio do Império e que se agravará com o domínio espanhol sobre Portugal até meados do século XVII.

02.

- a) Nos dois quartetos do soneto “Enquanto quis Fortuna que tivesse”, o eu lírico menciona duas divindades, Fortuna e Amor, que irão interferir na sua experiência amorosa. Enquanto Fortuna (destino) permitiu que mantivesse esperanças de vir a ser feliz, o eu lírico teve inspiração para compor poemas, o que lhe foi negado assim que o Amor se instalou nele e, por temer que alguma revelação negativa sobre ele poderia ser divulgada, lhe tirou a capacidade de inspiração.
- b) Os dois últimos versos do soneto são uma advertência do eu lírico às vítimas do Amor para que entendam que os seus poemas terão tanto mais sentido para os leitores, quanto mais profunda tiver sido a sua experiência amorosa.

03. Apenas as citações [1] e [4] se aproximam do tema do soneto camoniano em que o eu lírico fala sobre as mudanças que se vão sucedendo, tanto na natureza como no ser humano ao longo da sua existência. A citação de Heráclito, pensador do “tudo flui”, reflete a ideia de um mundo em movimento perpétuo: “não podemos entrar duas vezes no mesmo rio: suas águas não são nunca as mesmas e nós não somos nunca os mesmos”. Também a frase de Sêneca, representante do estoicismo clássico que exorta a renúncia aos bens materiais em busca da tranquilidade da alma mediante o conhecimento e a contemplação, aponta para a concepção de um mundo em constante mutação: “Toda e qualquer coisa tem seu vaivém e se transforma no contrário ao capricho tirânico da fortuna”.

04. No verso “e do bem – se algum houve –, as saudades”, ocorre eclipse do termo verbal “ficam”, mencionado no verso anterior (“do mal ficam as mágoas na lembrança”). Para o eu lírico, o motivo de maior perturbação consiste na evidência de que as mudanças, além de serem contínuas, também não ocorrem sempre da mesma maneira (“E, afora este mudar-se cada dia,/outra mudança faz de mor espanto:/que não se muda já como soía”). Assim, o fato de a própria mudança mudar deixa o sujeito também à mercê dos seus caprichos, o que lhe provoca grande perplexidade.

05. Nos dois primeiros versos do primeiro terceto (“O tempo cobre o chão de verde manto,/que já coberto foi de neve fria”), o eu lírico assinala metonimicamente a passagem de uma estação do ano para outra, em que “verde manto” remete à primavera e “neve fria” ao inverno. Ao mencionar no terceiro verso da mesma estrofe que o tempo “converte em choro o doce canto”, depreende-se que o eu lírico associa a mudança das estações à oscilação contínua de sensações que se operam nele: a positiva, evento aprazível de alegria, associada à primavera (doce canto) e a negativa, de tristeza, associada à tristeza (neve fria).

06. No verso “e enfim converte em choro o doce canto”, ocorre a sinestesia, transferência de percepção do sentido gustativo (doce) para o auditivo (canto). Se o verso “que já coberto foi de neve fria” fosse reescrito na ordem direta e o pronome “que” substituído pelo seu referente, teríamos a seguinte redação: “o chão de verde manto já foi coberto de neve fria”.

**07. [E]**

No soneto “O dia em que nasci moura e pereça”, o eu poético lamenta o acontecimento fortuito e totalmente alheio à sua vontade de ter nascido no dia aziago que só lhe trouxe amarguras. Deste modo, atribui a origem do seu mal-estar ao destino adverso que o pôs no mundo no dia errado, ou seja, justifica o fato pelas contingências da própria existência humana, obrigada a conviver com a instabilidade e o desconcerto do mundo, como se afirma em [E].

08. [B]

No poema “O dia em que nasci moura e pereça”, o eu lírico expressa o seu desespero e impotência perante o destino adverso que lhe foi traçado no dia em que nasceu. Assim, é correta a opção [B], pois a visão fatalista da existência estabelece, como premissa, a ideia de que todos os acontecimentos ocorrem de acordo com um destino fixo e inexorável, não controlado ou influenciado pela vontade humana.

09. [C]

No soneto “Alma minha gentil, que te partiste”, Camões revela influência da filosofia platônica, na voz do eu poético que sublima a perda da amada ao visualizá-la em um plano superior e eterno onde espera reencontrá-la depois da própria morte. No último terceto, pede a Deus que lhe abrevie a vida, da mesma forma que o fez com ela: “roga a Deus, que teus anos encurtou, / que tão cedo de cá me leve a ver-te”. Assim, é correta a opção [C].

10. [D]

No soneto “Alma minha gentil, que te partiste”, o eu lírico lamenta o fato de o destino ter levado a vida da sua amada demasiado depressa, o que é reforçado no segundo verso com o advérbio de intensidade “tão” associado ao adjetivo “cedo”. Ao afirmar que ela morreu ainda muito nova, o soneto camoniano acaba também por explorar, indiretamente, o tema da efemeridade da vida, como se afirma em [D].

11.

- a) O eu lírico manifesta a sensação de exílio das terras do Sião, local sagrado e associado ao Bem que já habitou e a Babilônia, local em que se encontra no momento e onde impera o caos, a cobiça e a tirania.
- b) O tema do soneto remete à filosofia platônica, pois o eu lírico, circunscrito ao mundo sensível (concebido por Platão como o local onde o homem habita), expressa desconforto ao perceber que está à mercê do materialismo e do mundo em desconcerto. Nos dois quartetos, expressões como “o puro Amor não tem valia”, “pode mais que a honra a tirania”, “onde a errada e cega Monarquia/ cuida que um nome vão a desengana” refletem a sensação de desconcerto, muito presente na lírica camoniana de vertente clássica. A anáfora, constituída pela repetição do advérbio “cá”, enfatiza os aspectos negativos do plano material (Babilônia) em oposição às lembranças do mundo racional, o plano inteligível (Sião) tão desejado pelo eu lírico e, por extensão, pelos artistas do Renascimento: “cá neste escuro caos de confusão,/ cumprindo o curso estou da natureza./Vê se me esquecerei de ti, Sião!”

12. [A]

Trata-se de um soneto em que o assunto é a persistência do sentimento amoroso, simbolizada pela narração da história bíblica de Jacob. Labão engana-o, entregando-lhe a filha Lia, em vez de Raquel, mas Jacob ultrapassa todas as barreiras criadas por Labão a fim de merecer a pessoa que ama, mesmo que isso implique em trabalhar mais sete anos nas terras do futuro sogro. Assim, é correta a opção [A].